



<b>Diário Económico</b>  21-06-2013	<b>Periodicidade:</b> Diário	<b>Temática:</b> Economia
	<b>Classe:</b> Economia/Neócios	<b>Dimensão:</b> 1566
	<b>Âmbito:</b> Nacional	<b>Imagem:</b> S/PB
	<b>Tiragem:</b> 18714	<b>Página (s):</b> 1/14/15



**PAULO TRIGO PEREIRA** Economista, professor universitário e vencedor do prémio Económico

# “A democracia está bloqueada em Portugal”

O autor alerta que o défice é também de democracia e é urgente uma reforma do sistema político. Argumentos centrais do livro - e de um novo 'think tank'.

**Mafalda de Avelar**  
mafalda.avelar@economico.pt

“É uma surpresa inacreditável, uma honra!”. Foi assim que Paulo Trigo Pereira, autor de “Portugal: Dívida Pública e Déficit Democrático”, reagiu, na última terça-feira, ao telefonema que lhe deu a notícia: o seu livro foi nomeado o “Melhor Livro de Economia e Gestão”.

Após muitas leituras e obras pré-seleccionadas, a escolha dos sete elementos do júri recaiu sobre este ensaio, cujo argumento central destaca a fraca qualidade da democracia como uma das responsáveis pelos problemas das finanças públicas. Algo que, e segundo o professor, pode ser melhorado se existirem ‘think tanks’, como o que, coincidentemente, apresentou nesse mesmo dia: o ‘Institute of Public Policy Thomas Jefferson-Correia da Serra’.

## O que representa este prémio?

O reconhecimento de uma obra que, sendo pequenina, acaba por apontar a necessidade de reformulação da democracia. Na primeira parte fala-se da dívida e do défice e de como chegámos a esta situação, na segunda fala-se na razão que leva todas as democracias a produzir défices e por que é que a nossa tende a produzir mais. E qual a explicação para isso?

Uma das razões é não haver ‘think tanks’ que pensem o país, as políticas públicas, as instituições. Portugal tem alguns, mas não tantos como os que existem nos países europeus mais desenvolvidos, que sabem que não é só preciso o Estado e o mercado, mas também uma sociedade forte, ac-

tiva e interveniente. Portugal não tem isso e essa é uma fraqueza da nossa democracia.

## Identifica mais fraquezas?

Outra fraqueza está nos partidos políticos, que não dão prioridade à formação de quadros internos. Deviam fazer uma reflexão aprofundada sobre os temas da agenda política nacional para fazerem propostas legislativas consistentes. Não a têm. Não percebem a situação do país real e, por isso, não entendem as regras do Pacto de Estabilidade e Crescimento. E então toda esta engenharia financeira que o país fez durante mais de dez anos, as próprias parcerias público-privadas, tudo isso é fruto de os partidos não perceberem a necessidade de equilíbrio orçamental em situação normal.

## E a democracia nesse processo?

A democracia é importantíssima, mas ela assenta em partidos. E estes têm de estar qualificados e abertos à sociedade. Só que estão completamente fechados, a vários níveis. O sistema eleitoral, que a Constituição também protege, bloqueia a nossa democracia. A mensagem que tento transmitir no livro é de que a democracia está bloqueada e que é importante desbloqueá-la.

## Qual a sua maior inquietação ao olhar para a economia do País?

Temos vários flagelos. Um deles é o desemprego, que me preocupa bastante. Os idosos também me preocupam, embora sabendo que têm um sistema de protecção social já bastante desenvolvido. Têm outro tipo de problemas, a solidão, por exemplo. Mas preocupa-me muito a questão do desemprego jovem. Porque, se não resolvermos este problema, temos duas consequências: a pri-

meira, que já está a acontecer, é a fuga de jovens do país, muitos e sobretudo os melhores. Há aqui um problema que é também demográfico. A população portuguesa vai diminuir e, se isto continuar por vários anos, temos aqui um problema do desemprego jovem. É a fase em que se criam ambições, em que se tem a energia toda. Outra preocupação são os níveis de pobreza que estão a aumentar e que já não se confinam aos estratos habitualmente excluídos da sociedade, já entra numa classe média baixa que, de forma envergonhada, já não tem condições de vida condigna.

## Quais as ambições para o ‘think tank’ que acaba de lançar?

Gostaria que as ambições fossem colectivas, porque este projecto envolve um grupo de pessoas de

várias universidades, como os professores Pedro Pita Barros, Ricardo Cabral, Marina Costa Lobo, Carlos Farinha Rodrigues e as investigadoras Marta Nunes da Costa e Ana Rita Ferreira. Esperamos que consiga quatro coisas fundamentais: a primeira é repensar a Europa do ponto de vista político. Perceber que o caminho que está a seguir vai levar ao colapso e à desintegração. E, portanto, só há uma solução razoável que é repensar as instituições europeias, o orçamento europeu e a solidariedade europeia. Portugal tem sido um agente passivo da agenda europeia, mas tem de ter um papel activo nesta área.

## Em segundo lugar...

Temos de analisar a reforma do Estado e da despesa pública, não apenas do ponto de vista técnico, mas também social e do diálogo, que tem de existir entre gerações. Uma terceira área é a da reforma de todo o sistema político. Mas queremos também dar um passo em frente e temos de dialogar com os parceiros sociais e partidos políticos dizendo que isto deve ser feito, porque estamos numa crise da democracia e portanto é necessário fazer uma reforma do sistema político e uma das nossas ambições é contribuir para isso, quer do ponto de vista dos ‘policy papers’ quer de actuação.

## E a quarta ambição?

Tem a ver com o desenvolvimento económico e sustentável das cidades e do território para evitar as desigualdades de desenvolvimento que Portugal tem. E, obviamente, a questão da competitividade e crescimento económico, que também é muito importante. Este ‘think tank’ é também um teste à sociedade civil. ■

Portugal não tem uma sociedade forte, activa, interveniente. E essa é uma fraqueza da nossa democracia.

O caminho que a Europa está a seguir vai levar ao colapso e à desintegração. Portugal tem sido um agente passivo da agenda europeia, em de ter um papel activo.



## PERFIL

### Professor, activista e investigador

Professor no Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, Paulo Trigo Pereira, 54 anos, dedica-se ao estudo das finanças públicas, da economia das instituições e dos sistemas eleitorais. Com grande actividade cívica, participa em várias instituições (como o recém-criado ‘think tank’, Institute of Public Policy Thomas Jefferson-Correia da Serra). Doutorando na Universidade de Leicester, e tendo sido investigador em algumas universidades estrangeiras, Trigo Pereira coordenou o mestrado em Economia e Políticas Públicas do ISEG. Autor de vários ‘papers’, este é o seu quinto livro.

## COMO O JURÍ ESCOLHEU O MELHOR LIVRO

Foram necessários quatro meses, muitas trocas de ‘mails’ e três encontros para decidir o vencedor do “Melhor Livro de Economia e Gestão do Ano”. Nesta primeira edição, a escolha foi por nomeação. Da longa lista de obras dessas áreas publicadas em Portugal, por autores nacionais, no último ano, a competição foi renhida. Mas, na hora de decidir, o júri nomeou apenas uma obra: “Portugal: Dívida Pública e Déficit Democrático”, de Paulo Trigo Pereira.



Leitor compulsivo, foi um dos elementos do júri. “Lemos muitas obras”, referiu o economista, na apresentação do prémio, que decorreu na Feira do Livro de Lisboa, no auditório da APEL. Leia ao lado a razão da escolha da obra vencedora, segundo os restantes elementos do júri.



Este livro “tem uma perspectiva nova. Há muitos que olham de forma muito interessante para os números. Este, porém, tentou ir um pouco mais fundo e falar que dimensões institucionais, profundamente enraizadas, condicionam e influenciam a dimensão da dívida pública”.



**DESTAQUES INTERNACIONAIS**

▶ O jornal britânico 'Financial Times', (FT) em parceria com o Goldman Sachs, distingue desde 2005 os melhores livros de economia e gestão em língua inglesa.

▶ 'Why Nations Fall', de Daron Acemoglu e James A. Robinson ("Por que falham as Nações" na versão portuguesa, editada este ano), foi o mais recente livro premiado pelo FT.

▶ Os melhores livros nestas áreas são também alvo de distinção em mais países como EUA ('USA Book News') ou o Canadá ('National Business Book Award').



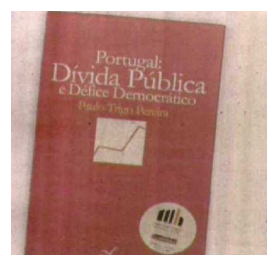
**Portugal, o país dos 3 'dês'**

**Dívida, défice e democracia marcam uma sociedade que vive uma forte crise financeira.**

Os problemas das finanças públicas derivam da fraca qualidade da democracia. Este é o argumento central do livro vencedor, marcado por três pontos-chave: é de fácil leitura, conseguindo, no entanto, ter bastante profundidade; define uma relação entre dívida, défice e democracia; e consegue, ainda, nunca esquecer a "origem das coisas".

Como questiona o autor, "porque chegámos ao ponto a que chegámos de insustentabilidade das finanças públicas e de necessidade de impor sacrifícios acrescidos aos portugueses com cortes de salários e de pensões e subidas de impostos, além da necessidade de vender, esperemos que não ao desbarato, parte significativa do património do Estado?". Esta é a primeira parte do livro, entendida também como um ensaio dedicado à literacia económica.

A segunda parte é importante e concordando, ou não, com todos os subcapítulos, apresenta-se como inovadora. Isto por mostrar por que tendem as democracias a produzir défices e que reformas de natureza institucional são necessárias para um renascimento de uma (boa) democracia. ■ M.A.



O livro, com 127 páginas, foi editado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos e custa cinco euros.



**Guilhermina Gomes**  
Editora

"Foi muito fácil votar no livro de Paulo Trigo Pereira", comenta a editora do Círculo de Leitores e da Temas & Debates. "Trata uma matéria que não é fácil, mas de uma maneira muito acessível. Não sendo economista, cativou-me em termos de leitura e de proposta".



**José Ferreira Machado**  
U. Nova Lisboa

"É o melhor num conjunto de livros muito interessantes, foi uma competição muito renhida. Este livro aborda um tema de grande actualidade de maneira original. Trata um tema fundamental, que é a dimensão do Estado e a sua reforma, de uma forma pensada e profunda.



**José Silva Lopes**  
Economista

"É um livro muito acessível aos leitores pouco qualificados e tem grande originalidade ao analisar não só o problema das Finanças Públicas, mas sobretudo as razões políticas e sociais. Um enfoque que não tem sido feito por outros autores cá no país. Nesse aspecto, o livro é valioso".



**Pedro Mendonça McKinsey**

"Passa uma perspectiva mais interesse e original sobre as origens da crise por que passamos. Reúne uma perspectiva histórica sobre as causas das crises financeiras recorrentes no país e faz uma ligação muito interessante com o défice democrático e das instituições".



**Rui Leão Martinho Bastonário**

"É um livro numa colecção popular e vendida em todo o lado, feito numa linguagem muito acessível para quem não é economista, o que é difícil. Apesar de tudo isso, valeu a distinção pela profundidade e pela maneira como os temas são tratados".